

Jette Bonaventure

O QUE CONTA
O CONTO?



ÍNDICE

Prefácio	9
Introdução	11
1. O quadro de pano	27
2. O alfaiatezinho valente	57
3. O filho do caçador	83
4. Joãozinho e Mariazinha.....	109
5. Branca de Neve	133
6. Marama e o rio dos crocodilos	157
7. O gigante sem coração	173
8. A princesa vampira.....	195
9. Conclusão: A sacola de ouro.....	217

INTRODUÇÃO

À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida carregará em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão à teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana,

do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

Prefácio

Imaginem-se na cozinha duma velha fazenda numa noite escura e fria, o fogão aceso e uma velha avó contando estórias. É nesse clima que gostaria que o leitor entrasse ao ler o meu livro. Na vovó existe um prazer muito grande em relembrar os contos populares que, por sua vez, a sua mãe ou avó contaram. Ela quer transmitir seu prazer, mas também uma lição de vida para os seus familiares. Pelos tantos anos que viveu, suas experiências sobre os seres humanos são muitas. Ela não estranha que se fale de bruxas, fadas, dragões, cavalos alados, príncipes encantados em sapos, mesmo que nunca os tenha visto na realidade concreta. Ela pôde reconhecê-los em um ou outro momento da vida, em uma ou outra pessoa!

Espero que quem se sinta perto do mesmo fogão para ouvir os contos da vovó possa sentir o mesmo calor, o mesmo feitiço e encanto ao ler os contos apresentados neste livro. Acima de tudo, que possa participar com seus ah's, uh's e oh's, e fazer mil e uma perguntas. Foi nesse espírito que foi escrito.

Não posso deixar de agradecer a ajuda que recebi desde o início de Heloísa Tavares e Walderes de Barros na correção de meu português, mas, sobretudo, terem conseguido decifrar o que eu queria dizer quando escrevi minhas ideias e terem respeitado meu estilo, embora, certamente, nenhum brasileiro redigiria neste português. A Mônica, que pacientemente usava o computador – este instrumento tão longínquo do mundo dos contos de fada – para datilografar meu texto. A Olga Reggiani, por ter-me estimulado a cuidar mais da redação do texto e chegar ao título definitivo que passou de “Eu conto meu conto” a “O que conta o conto?”.

Também agradeço especialmente a Iole de Natale, Ana Cristina de Andrade e Ângela Leite, por terem ilustrado, com os desenhos que a leitura de meu livro tinha evocado nelas.

E, sem dúvida, nunca teria escrito este texto sem o estímulo de Léon, Bruno, Cati e François, e de inúmeros amigos e analisandos.

Finalmente, nunca teria começado a me interessar pelos contos de fada se não tivesse assistido às palestras da Dra. Marie-Louise von Franz em Zurique, e lido seus livros. Muitas outras leituras, sobretudo a dos próprios contos, me permitiram chegar à visão que tenho hoje do mundo das imagens. Paulus, Vozes, Cultrix e Pensamento já publicaram muitas obras sobre o assunto, onde o leitor poderá encontrar uma bibliografia extensa – que não me parece necessária, pois quero que meu livro fique mais no mundo do encantamento do que no da informação.

Introdução

O QUE CONTA O CONTO?

O título que dei a este livro pode ter algo de pretensioso, como se eu pudesse dizer o que contam realmente os contos! Já existe muita literatura que analisa os contos populares, seja do ponto de vista literário, sociológico, pedagógico, seja das diversas escolas psicológicas. Então para que mais um livro para encher as prateleiras?

Essa pergunta eu me fiz muitas vezes, e me contive durante anos antes de publicar o presente texto. Na realidade, não tenho nenhuma teoria nova a apresentar, nenhum método revolucionário, nenhuma conclusão significativa a dar. Meu desejo é despertar a curiosidade pela riqueza de conteúdo dos contos de fada. Mais do que isso, mostrar que não se precisa de nenhuma capacidade especial, nenhum conhecimento intelectual específico para entender os contos, pois eles nos dizem algo sobre o ser humano que às vezes não sabíamos como formular, e o dizem de maneira bastante simples.

Similares aos contos de fada, cheios de imagens, são nossos sonhos e nossas fantasias, que nos parecem tão misteriosos e tão impenetráveis quanto as florestas que muitos heróis têm de atravessar. Será que só o psicólogo ou o estudioso de simbologia serão capazes de encontrar seu sentido? Será que é nos livros que vamos aprender a entender o que as imagens de nossos sonhos nos dizem? Porém, quem mais perto de mim para entender o meu mundo onírico do que eu mesma?

Infelizmente, perdemos a confiança em nossa própria capacidade de decifrar as mensagens de nosso inconsciente. Passamos a acreditar só na interpretação que os profissionais nos dão delas. Por experiência própria, depois de mais de 25 anos de profissão como psicoterapeuta, vejo que penetrar nas imagens do mundo do outro e tentar decifrá-las é algo que aprendi essencialmente através da busca de entender a mim mesma, muito mais do que através dos meus estudos universitários e leituras psicológicas.

Gostaria de contribuir para devolver a você, leitor, sua possibilidade de lidar com as imagens, de entendê-las, sem necessariamente recorrer a dicionários de símbolos ou de interpretação de sonhos. Como há justamente muita semelhança entre os conteúdos de nossos sonhos (embora, às vezes, muito mais pobres em imagens) e os dos contos de fada, pensei que eles poderiam ser um exemplo de como trabalhar com as imagens e deixar que seu sentido nos toque.

Se você encontrar muito mais sentido do que eu nos contos, ficarei feliz de ter despertado uma busca e não ter imposto mais uma solução. As imagens abrem a visão e permitem que outras imagens surjam. Não são ditatoriais como nossos conceitos intelectuais, sejam da escola que forem. O método redutivo de Freud, com toda a inteligência que contém, reduz as coisas a: “é apenas isto ou aquilo, ou trata-se de um complexo, ou de um recalque e nada mais”. O método de amplificação das imagens, de Jung, ao fazer aproximações com as grandes imagens que as religiões ou os mitos da história humana veiculam, às vezes faz perder de vista aquilo que tem a ver com o aqui e o agora, com o que a imagem me conta, ou o conto me conta.

Ler um conto, ou contá-lo para uma criança, não seria um passatempo, ou talvez uma fuga da dura realidade, para ficarmos com princesas e príncipes, fadas que transformam essa dura realidade em algo maravilhoso, ou heróis que vencem todas as provas impossíveis? Certamente que a resposta é afirmativa para muitos pais e educadores. Estamos falando de bruxas, fadas, dragões, monstros, que são pura criação de nossa fantasia! Estamos mentindo, contando inverdades para a criança, ao falar desses seres que objetivamente não existem, e assim distanciando-a da realidade concreta.

Para outros, os contos contêm uma moral intrínseca, que podemos passar para a criança de maneira indireta e talvez mais fácil. Os bons, generosos, humildes, simples e corajosos sempre vencem, enquanto os orgulhosos, preguiçosos, maus e invejosos acabam destruídos. Mas, poderíamos retrucar que a criança órfã de mãe teria inevitavelmente de sofrer na mão da madrasta cruel, aumentando ainda mais seu sentimento de desespero. E são os filhos mais velhos (não os caçulas) que sempre acabam mal; não há nenhuma chance na vida para os que nasceram primeiro na família. Que pedagogia seria essa?

Tudo isso poderia aumentar muito a insegurança de uma criança e sua dificuldade de responder a determinada situação. No final das contas, uma criança que perdeu sua mãe necessariamente encontrará na madrasta uma bruxa, uma mulher malvada? Nascer primeiro entre os irmãos significa ter poucas chances de se sair bem? E o irmão mais novo será sempre o vencedor?

A crueldade com que se castiga quem não se comportou direitinho vai contra até mesmo os nossos princípios cristãos de perdoar os nossos inimigos. Assim, do ponto de vista da educação moral e humana, os contos até parecem contar uma lição duvidosa e ambígua.

Mas, então, o que conta o conto? Por que se continua lendo e contando as estórias de *Branca de Neve*, *Cinderela*, *João e Maria* e tantas outras pelo mundo afora? É impressionante o número que existe de edições e reedições de coleções de contos populares. Os pequenos, e também os grandes leitores, continuam atraídos pela atmosfera do fantástico e do imaginário que as estórias transpiram. Mas, será que é apenas isso? Ou será que, sem que percebamos, essas estórias falam da realidade do ser humano, de sua busca, de seus traumas e dificuldades ao lidar com papai e mamãe, de seu desejo de ser herói, dos monstros que ele às vezes sente que tem de combater durante a vida? Será que, quando leio um conto africano, indiano ou esquimó e me identifico com suas personagens, não é porque de alguma maneira existe uma semelhança entre todos os seres humanos quanto à maneira de enfrentar muitas situações da vida?

Ao ler e reler os contos publicados neste livro, como centenas de outros contos que tive oportunidade de estudar, cada vez mais sentia que na sua linguagem simbólica eles diziam de maneira muito mais rica o que eu tinha estudado nos livros de psicologia. Em apenas poucas páginas e de maneira bem concisa, mostram como é que processamos conflitos da infância, da adolescência, os grandes problemas da existência, e como a sabedoria popular resolve esses conflitos, de maneira muito próxima daquela que as grandes religiões do mundo propõem, principalmente os grandes místicos ou sábios filósofos. É como um quadro que você descobre, olha, contempla e que pouco a pouco vai se impondo, vai enfeitando, por assim dizer. Há como um encantamento que vem de sua linguagem mágica.



Muitos contos falam-nos de reis e rainhas, príncipes e princesas, dos aspectos nobres do ser humano ou daquilo que rege a situação; outros falam de raptos de belas princesas por dragões ou gigantes que assolam o país, e de como o pequeno herói consegue dominar a besta e se casar com a princesa; outros contam como crianças perderam a mãe e ganharam uma madrasta, como conviveram com a rejeição e não foram esmagadas; pelo contrário, cresceram com essa experiência.

Existem contos que abordam temas como o vampirismo do ser humano, sua maneira de lidar com o imaginário, com os animais, ou simplesmente com o riso e o lado malandro de um Pedro Malasarte. Com tantos temas interessantes, foi difícil escolher quais apresentar. Houve um desejo, por um lado, de mostrar vários temas; por outro, de mostrar que os contos de vários países do mundo inteiro tinham muitas semelhanças; e, finalmente, que poderia ser curioso retornar a alguns bem conhecidos.

É certo que a escolha foi subjetiva: alguns contos são de minha preferência pessoal. Mas, também fica claro o desejo de abordar o máximo da vivência humana em apenas poucos contos. A frustração é grande ao deixar de lado muitos contos riquíssimos de conteúdo, para não tornar o livro pesado demais. Afinal, a proposta não era a de chegar a uma conclusão, a um fechamento, como se o assunto tivesse sido esgotado. Pelo contrário, queria abrir uma porta para o tesouro que cada um poderia descobrir nesse mundo do imaginário. São traduções, mas mesmo assim alguns continuam sendo pequenas obras-primas da literatura.

Esses contos muitas vezes me serviram para ilustrar, em imagens, situações vividas pelas pessoas que vinham me consultar. Provocaram o surgimento de muito questionamento existencial nos diversos amigos que fizeram grupos de estudo comigo durante 25 anos. O retorno que tive de

todas as pessoas que participaram dos grupos de estudo influenciou bastante para eu me decidir a escrever este livro. Mas, mais do que me encorajar, elas sobretudo enriqueceram os contos com as reflexões, impressões e emoções causadas pela sua leitura.

Uma regra impôs-se logo: evitar de qualquer jeito termos do jargão psicológico, como complexo de Édipo, recalque, desejos sexuais reprimidos, Ánimos, Anima, Sombra, Individuação, Self etc. Entender o significado real desses termos exigiria que o leitor estivesse familiarizado com obras dos grandes mestres da psicologia e da psicanálise. Procurei, portanto, usar uma linguagem simples, até singela em alguns momentos, no intuito de mostrar que a psique é algo que é familiar a todos, que as vivências de nosso mundo interior podem ser expressas com simplicidade, por meio, sobretudo, das imagens usadas pelos contos e pelos sonhos.

De certo modo, a abordagem é semelhante à do fenomenólogo, que se interessa pelos fenômenos como tais, descreve-os e deixa que o seu sentido se imponha por si só, sem enquadrá-los em uma teoria explicativa. Observei o que acontecia no conto, como as personagens efetivamente se comportavam, sem acrescentar nada de fora. Assim, não podia dizer que os anões da *Branca de Neve* tinham um chapéuzinho vermelho comprido na cabeça e longas barbas, porque não eram descritos desta forma, embora em outros contos o sejam.

O meu pressuposto era que, se o conto permaneceu sob determinada forma depois de ter sido provavelmente recontado oralmente milhares de vezes, deve ser porque isso é o essencial que se deve reter de seu conteúdo. Do mesmo modo, se o sonhador no seu sonho pula dentro de uma piscina com água suja e não num rio, certamente há uma razão para a escolha de uma imagem e não de outra.

Começar a ler um conto se tornou uma verdadeira aventura, não sabendo nunca aonde vou chegar. Primeiro, começo com uma simples leitura para me familiarizar com o enredo: o lugar onde acontece a estória, as principais personagens e as peripécias pelas quais passam antes de chegar ao desenrolar. Já nessa leitura há como que um encantamento: você sente simpatia tanto pela exposição da estória, sua moral, como pelas personagens, ou pela obra-prima literária que pode ser.

Às vezes, a estória parece terrível e mexe em algum ponto dentro de nós, que não é muito claro. Como mãe ou madrasta, você pode se perguntar: mas será que eu também sou assim como no conto? Qualquer pessoa também pode se perguntar, por exemplo: será que sou um pouco vampiro e vivo mais do que os outros fazem do que do meu esforço?

Numa segunda leitura (às vezes já na primeira), você saboreia os diálogos divertidos, rimados, cheios de humor das personagens, ou a capacidade de fantasiar do autor. Você começa a entrar na floresta com João e Maria, e sente quase fisicamente o pavor que as crianças devem ter sentido ao serem abandonadas; você pode até sentir a gula que elas sentiram ao verem que a casa da bruxa era feita de tantas guloseimas! Você sente certa alegria ao ver o vizir em cima da fogueira no conto *O filho do caçador*, mas também certo arrepio. Os cinco sentidos são aguçados nessa fase, ao vivenciarmos o que se passa. Há certa identificação com as personagens, o que permite que imaginemos como deveria ser para a pequena princesa conviver com um enorme gigante, como no conto *O gigante sem coração*. *O alfaiatezinho valente* anima-nos com sua coragem, mesmo sabendo que ele está enganado sobre quem ele é na realidade.

Um a um, todos os momentos do conto são recuperados, revividos pela nossa imaginação. Nesse momento, começam a surgir dentro de nós lembranças de nossas próprias

experiências de vida. O abandono de Marama no rio dos jacarés, a exigência da madrastra de a menina fazer algo impossível evoca em nós situações semelhantes de nossa juventude. Os bichos ferozes que ela encontra, claro que são raros os que os tenham encontrado na realidade, mas a *fera*, essa realidade cruel, todos os dias a encontramos nos jornais. Com um pouco de esforço, pode ser que lembremos também que em uma ou outra ocasião surgiu dentro de nós uma violência e um desejo de destruir que nos parecia impossível de aceitar, sendo difícil até mesmo encararmos esse aspecto de nossa personalidade.

É nessa leitura que o conto começa a nos contar não apenas episódios de uma estória imaginária, mas algo sobre nós mesmos. Como a fadinha vestida de vermelho na estória *O quadro de pano*, acabamos nos incorporando também ao conto. Ele se torna uma realidade vívida e temos a impressão de um grande enriquecimento. Quando sabemos definir a doença que estamos sofrendo, já estamos curados pela metade! Quando conseguimos nomear as nossas dificuldades, graças à nossa identificação com certos contos, acontece um alívio.

Tornou-se necessário publicar os contos na sua forma não resumida, justamente para que o leitor pudesse entrar na atmosfera toda, muitas vezes expressa em pequenos detalhes. Com uma caneta nas mãos, anotando todas as impressões que vêm, descrevendo em outras palavras o conteúdo e deixando fluírem as nossas próprias associações e lembranças, o conto começa a fazer sentido.

Comparando as imagens do começo do conto com as do final, observando, por exemplo, como os anões trabalhavam no fundo das minas para extrair algumas pepitas de ouro por dia e comparando seu esforço para conseguirem um pouco de riqueza, com a vida folgada de uma princesa, que vive coberta de ouro e pedras preciosas sem ter feito nenhum